

Ambiguidade e humor na arte do corvo

Lucio Lauro Barrozo Massafferri Salles⁴⁹**Resumo**

Na história da retórica, Córax é considerado o criador de uma arte da argumentação desenvolvida no seio das demandas dos antigos tribunais. Sua hipotética habilidade com as palavras ensejou uma série de anedotas em torno da retórica e da figura do “corvo”, que é caricaturado como alguém capaz de usar – e ensinar a usar – argumentos contrários em proveito próprio, tratando de um mesmo assunto. Para pensar essa figura ambígua de Córax, analisamos aqui a versão anedótica de Sexto Empírico, pelo fato dela parecer a mais adequada para dar ênfase na “arte do corvo”, uma vez que, nessa versão, é um anônimo quem busca Córax para aprender a falar com destreza. A caracterização desse discípulo de Córax como um anônimo incentiva a projetar nas personagens dessa anedota não só figuras que tradicionalmente foram associadas à prática retórica de ofício, ou à sofística, como é o caso de Tísias, Protágoras e Górgias, como permite alinhar a figura do “corvo” à caricatura de Sócrates, tal como ela é narrada na comédia *Nuvens*, de Aristófanes. Nessa comédia, o personagem Sócrates é convidado a ensinar os segredos da *antilogia* para um indivíduo que pretendia usar a arte dos argumentos duplos para não ter que quitar suas próprias dívidas.

Palavras-chave: Comédia; Linguagem; Retórica; Arte do Corvo; Sexto Empírico.

Abstract

In the history of rhetoric, Corax is considered a creator of an art of argumentation developed within the demands of the ancient courts. His hypothetical ability with words gave rise to a series of anecdotes about rhetoric and the figure of the "crow," which is caricatured as one who is able to use - and teach to use - opposing arguments for their own sake, dealing with the same subject. In order to think about this ambiguous figure of Corax, we analyze here the anecdotal version of Sextus Empiricus, because it seems most adequate to emphasize "crow's art", since, in this version, it is an anonymous person who seeks Corax to learn the speak with skill. The characterization of this disciple of Corax as an anonymous encourages to project in the characters of this anecdote not only figures that traditionally have been associated to the rhetorical practice of the trade, or to the sophistic, as it is the case of Tisias, Protagoras and Gorgias, as it allows to align the figure of the "crow" to the caricature of Socrates, as it is narrated in the comedy *Clouds*, of Aristophanes. In this comedy, the character Socrates is invited to teach the secrets of *antilogy* to an individual who intended to use the art of double arguments not to have to pay off their own debts.

Keywords: Comedy; Language; Rhetoric; Crow's Art; Sextus Empiricus.

Para alguns estudiosos da retórica clássica, Córax era o verdadeiro nome de um rétor político siracusano, autor de um livro perdido sobre técnicas de argumentação⁵⁰.

⁴⁹ Doutor em Filosofia (UFRJ) e Especialista em Psicanálise (USU). Professor de filosofia e de psicologia na rede pública estadual do Rio de Janeiro.

⁵⁰ Cf. em Platão (*Fedro*. 273 b – 273 c) e Aristóteles (*Retórica*. 1402 a). Interpretando testemunhos de Aristóteles, que foram transmitidos por Diógenes Laércio, Nietzsche sugeriu que Córax teria sido um teorizador da arte de argumentar que pautou sua *tékhnē* no dispositivo do *eikós* (esperado, provável), e

Para outros, Córax, que em grego significa “corvo” (κόραξ), seria apenas um apelido de Tísias, o mestre de Górgias, Antifonte, Lísias e Isócrates, que, diz-se, teria sido líder de uma escola na cidade de Túrios⁵¹, por volta do último quarto do século V a.C. Seja qual for a verdade, o fato é que Córax entrou para a história da retórica como mítico criador de uma arte da argumentação desenvolvida no seio das demandas dos antigos tribunais⁵². Sua hipotética habilidade com as palavras ensejou uma série de anedotas em torno da retórica e da figura do “corvo”, que é caricaturado como alguém capaz de usar – e ensinar a usar – argumentos contrários em proveito próprio, tratando de um mesmo assunto.

Para pensar essa figura ambígua de Córax, lançamos mão aqui da versão anedótica de Sexto Empírico, pelo fato dela parecer a mais adequada para dar ênfase na “arte do corvo”⁵³, uma vez que, nessa versão, o discípulo que busca Córax, para aprender a falar com destreza, é um anônimo. A caracterização desse discípulo de Córax como um anônimo incentiva a projetar nas *personas* dessa anedota não só figuras que tradicionalmente foram associadas à prática retórica de ofício – ou à sofística –, como é o caso de Tísias, Protágoras e Górgias, mas também permite alinhar a figura do “corvo” à caricatura de Sócrates, tal como ela é narrada na comédia *Nuvens*, de Aristófanes. Nessa peça, o personagem Sócrates é convidado a ensinar os segredos da *antilogia* para um indivíduo que pretendia usar a arte dos argumentos duplos para não ter que quitar as dívidas que adquirira.

A anedota sobre o rétor siciliano Córax⁵⁴, contada por Sexto Empírico no livro II do seu *Adversus Mathematicos* (96-99)⁵⁵, ilustra um aspecto ambivalente da arte da

Tísias teria sido seu discípulo e mais destacado representante (cf. *Compendio de la historia de la elocuencia*. In *Escritos sobre retórica*. Pg. 163, 2000).

⁵¹ Cf. em Aristófanes (*Nuvens*. 330-335) uma ironia envolvendo e aproximando a cidade de Túrios, de “sofistas, adivinhos e especialistas em medicina”.

⁵² Cf. em Cícero (*Brutus*. §46-48).

⁵³ Em contraposição à ironia platônica que chama a retórica de adulação (κολᾶκεία) inventamos aqui um jogo de palavras, chamando a “arte do corvo” de κορακεία, isto é, uma arte de atar com a linguagem. Sobre outras versões da anedota sobre Córax, cf. em Diógenes Laércio (IX. 56) e em Michel Patillon (ed.), *Corpus rhetoricum I, Anonyme, Prámbole à la rhétorique. Aphthonios, Progymnasmata. Pseudo-Hermogène, Progymnasmata*, Paris, Ed: Les Belles Lettres, 2008, p. 28-9.

⁵⁴ Cf. sobre Córax de Siracusa, em Cícero (*Brutus*. §46-49), onde ele apresenta uma espécie de árvore genealógica da arte retórica que remonta à região da Sicília, na Magna Grécia, no início do V século a.C. Pautando-se, em parte, em Platão e em Aristóteles, Cícero afirma que Córax teria sido autor de um antigo livro sobre arte retórica, que para nós é perdido. Em minha Tese (*Sobre a escrita como phármakon para a fala ou Da tradição gorgiana até Alcídamente de Eleia*. UFRJ, 2018) dedico o subcapítulo A Arte de Córax e Tísias a uma análise dessa ramificação da antiga tradição siciliana.

⁵⁵ Trata-se do livro em que Sexto Empírico questiona a definição, os critérios e os procedimentos atribuídos à *Retórica*, um texto que nos é conhecido como *Contra os Retóricos ou Contra os Professores de Retórica*.

argumentação. Com esta anedota, Sexto Empírico reproduz uma hipotética situação com a qual busca dar forma à especulação cética que põe em dúvida se o discurso retórico pertenceria, ou não, ao âmbito daquilo que é objeto de disputa, o que lhe permitiria dizer se a retórica seria, de fato, uma arte ou não. Ao apresentar-nos a anedota, Sexto pretende destacar uma situação em que os que argumentam por lados opostos estão longe de resolver o debate que promoveram uma vez que, pelo contrário, diz Sexto, estes indivíduos simplesmente intensificam as suas disputas, opondo-se pelas palavras com a finalidade de confundir a mente dos juízes (ouvintes) com suas argumentações contraditórias⁵⁶.

De um modo geral, a crítica de Sexto contida nesta anedota incide sobre o fato de que a *antilogia* ressaltada na narrativa estaria ligada a um propósito meramente erístico, onde o enfrentamento de discursos, proferidos por hipotéticos antagonistas, dispensaria a possibilidade de pacificação advinda de uma definição do pleito, para, inversamente, valorizar somente a disputa que leva juízes e ouvintes a uma total *aporia*.

Sem mencionar o rétor político Tísias, comumente associado às atividades de Córax, Sexto Empírico conta que: desejando aprender a argumentar com habilidade, um jovem teria proposto a Córax que este lhe ensinasse a sua técnica de argumentação. Em troca do ensino, o jovem se comprometeria a remunerar com "qualquer quantia que ele [Córax] lhe cobrasse", contanto que Córax aceitasse que essa dívida adquirida só seria quitada quando ele, discípulo, lograsse êxito em seu primeiro caso forense. Ocorre então que, após estar hábil em argumentar, o jovem discípulo de Córax se recusou a pagar a remuneração previamente combinada. Diante disso, a fim de resolver o impasse, Córax e o seu aluno recorreram a um Tribunal, para que a questão pudesse ser apreciada e decidida por juízes. Neste fictício Tribunal, Córax teria sido o primeiro a falar, apresentando aos mediadores a tese de que, tanto se ele ganhasse o processo, como se não ganhasse, ele, Córax, teria que receber os seus honorários, uma vez que, vencendo, ele "teria que receber pelo fato de ter ganhado a causa" e, no caso contrário, perdendo, ele também teria que ser pago, uma vez que o seu ex-discípulo se comprometera a remunerá-lo justamente quando vencesse seu primeiro pleito, o que seria, também, de modo incontestável, a prova de que a transmissão dessa técnica havia se concretizado. Daí se segue que os juízes teriam aplaudido Córax, por ter falado de maneira justa, nos diz Sexto Empírico. Entretanto, chegando a sua vez de argumentar, o jovem discípulo

⁵⁶ Trad. de Rafael Huguenin e Rodrigo Pinto de Brito.

de Córax apresentou aos juízes a seguinte defesa, para fundamentar a tese de que ele "nada deveria pagar a Córax": Servindo-se do mesmo argumento que fora usado pelo seu antigo mestre, o jovem surpreendentemente inverte a conclusão a ser tirada, afirmando que, "tanto se ele ganhasse a causa, como se perdesse, ele nada devia a Córax", pois, se ganhasse, tendo vencido o processo, ele teria provado que nada devia, e, se por acaso ele perdesse, também nada deveria pagar, uma vez que o acordo previa que só haveria pagamento no caso dele vencer a sua primeira causa; "mas no caso de perdê-la ele não pagaria nada", isto é, o ensino teria sido falho.

Nessa anedota, chama a atenção que Sexto Empírico aluda somente a Córax, colocando na outra ponta da hipotética discussão forense um jovem desconhecido, não nomeado, que simplesmente desejava se tornar um hábil rétor. Além de nada dizer sobre o nome de Tísias, Sexto Empírico finaliza sua piada com um jogo de palavras, digno de ser observado. Diz Sexto (*idem*) que ao escutarem o jovem debatedor se defender com o mesmo argumento usado por Córax, os juízes entraram em "estado de suspensão de juízo (*epoché*) e em *aporia*", gritando a seguinte imprecação contra a equipolência dos argumentos retóricos (*lógoi rhetorikós*) que haviam sido apresentados: "de um mau corvo, um mau ovo" (τὸ ἕκ κακοῦ κόρακος κακὸν ᾠόν).

Pelo menos no que se refere a essa anedota, são desconhecidas as fontes de Sexto Empírico, muito embora nos seja possível verificar que a perspectiva de Platão, sobre a retórica, é contemplada, nesse texto de Sexto, *Contra os Retóricos*, que é onde se encontra a anedota de Córax.

Sobre isso, a título de ilustração, vale destacar que, no drama *Górgias* (520 b), Platão dramatiza Sócrates dizendo a Cálicles que sofistas e rétores não tinham o direito de criticar seus alunos, caso esses viessem a causar algum mal aos seus antigos mestres, considerando-se que, ao acusar aqueles, esses estariam assumindo suas falhas no processo de ensino. Na sequência dessa fala, o personagem Sócrates dirá o seguinte:

Meu caro, sofista é a mesma coisa que orador, ou, pelo menos, são vizinhos e aparentados, como eu disse a Polo. Mas, por desconhecimento do assunto, consideras a retórica como algo belo e desprezas a sofística. A verdade, porém, é que a sofística é mais bela do que a retórica, quanto à legislação é mais do que a jurisprudência e a ginástica é mais do que a medicina. A meu pensar, os oradores políticos e os sofistas são os únicos que não têm o direito de queixar-se das pessoas que eles acusam de serem ruins para eles, pois isso é o mesmo que acusarem a si próprios de não terem feito nenhum bem aos que eles se gabavam de haver deixado bons. Não é assim mesmo?...[...]... A eles, unicamente, como se vê, é que competia prestar serviços sem exigir remuneração, se for certo o que proclamam. Quem recebe benefício de qualquer modalidade, digamos, por haver aprendido com um pedótriba a correr, poderá deixar de pagar a remuneração devida, no caso de permitir o professor que se vá embora e de não lhe haver notificado antes que o

pagamento deveria ser feito logo que lhe houvesse comunicado agilidade. Não é pela lentidão, quero crer, que os homens procedem injustamente, mas pela injustiça, não é verdade? (*Górgias*. 520 c - d)⁵⁷

Vale notar que alguns elementos da piada de Córax podem ser encontrados nesse extrato do *Górgias*, excetuando-se, obviamente, a constante preocupação de Platão com a correta transmissibilidade da noção ideal de justiça, algo que não está em causa na anedota contado por Sexto Empírico. O que se destaca nesse é uma tecnicidade suspeita, encarnada na ambivalência presente em uma mesma argumentação sendo usada por partes antagônicas. Argumentação essa que serviria tanto para justificar a escusa em pagar uma dívida, como, por outro lado, o seu contrário, isto é, a efetivação da quitação da dívida; o cumprimento de um acordo.

Creio que a chave para se compreender o que há de risível nessa anedota é que é justamente diante de um ente externo aos dois protagonistas da narrativa, isto é, a “justiça”, que se desenrola a discussão sobre o pagamento, ou o não pagamento, dos honorários acordados, uma vez que o que se encontra nas entrelinhas da fala de Sexto Empírico é uma contestação da retórica enquanto arte dos discursos.

Concluindo o exame da anedota, cabe ainda observar uma questão relativa à palavra córax, que pode tanto significar “corvo”, quem sabe uma alcunha encobridora da astúcia e da habilidade de um artífice da retórica⁵⁸, como também pode significar simplesmente o nome verdadeiro do enigmático personagem que teria sido mentor de Tísias de Siracusa.

Destacando o minucioso exame de Thomas Cole, sobre a relação entre as *personas* de Córax e de Tísias e a possibilidade de representarem a mesma pessoa, chama à atenção a apresentação de alguns versos significativos de Píndaro, lembrando que esse poeta frequentou a corte siciliana liderada por Hierón. Corte essa da qual, acredita-se, um hábil rétor e político chamado Córax fez parte⁵⁹, conforme observa López Eire (2002:14) sugerindo que antes do advento da democracia na Sicília, por volta do ano de 476 a.C, Córax foi um orador político “a serviço do tirano” (Hiéron), e,

⁵⁷ Trad. de Carlos Alberto Nunes. Essa questão também é apontada por Isócrates em seu livro *Contra os Sofistas* (§6), quando ele propõe ser ilógico “que aqueles que produzem a virtude e a temperança não confiem em seus próprios discípulos”.

⁵⁸ No drama *Fedro* Platão alude veladamente ao rétor Córax, quando faz Sócrates dizer a Fedro que: “estava tremendamente bem escondida, ao que parece, essa arte descoberta por Tísias ou por outro, quem quer que ele seja e seja qual for o nome por que goste de ser chamado” (Cf. a nota de rodapé n° 163 da tradução de José Ribeiro Ferreira).

⁵⁹ A respeito da sugestiva referência feita por Píndaro à “arte dos corvos”, com o intuito de desqualificar os poetas puramente técnicos, não dotados de inspiração divina, cf. em COLE, T (*Who was Córax*. 1991. pg. 81-83).

que, com a revolução popular que destituiu a tirania, Córax passaria a desenvolver técnicas retóricas, específicas, voltadas para os grandes tribunais.

Em seu texto *Who was Córax* (1991: 81-82) Thomas Cole diz que Píndaro chamava ironicamente Simônides e Baquílides de “corvos”, a fim de rebaixá-los enquanto poetas, uma vez que, na visão de Píndaro, ambos apenas grasnavam tal como faziam os corvos, tendo eles simplesmente aprendido a *tékhnē* dos poetas sem possuir o dom divino das Musas, a inspiração, que corresponderia ao das águias, uma virtude concedida por Zeus aos poetas. Essa mesma alusão a Píndaro foi feita pelo sofista Elio Aristides, quando, para redarguir ideias de Platão no *Contra Platão em defesa da retórica*, Aristides adota a imagem do corvo para se referir ao artífice mais limitado que não é possuidor do dom divino.

Citando Píndaro, diz Aristides que (109) ⁶⁰:

Σοφὸς ὁ πολλὰ εἰδὼς φυᾶ·
μαθόντες δὲ λάβροι
παγγλωσσία κόρακες ὡς ἄκραντα γαρύετον
Διὸς πρὸς ὄρνιχα θεῖον.

Sábio é aquele que conhece muitas coisas graças à natureza;
mas quem aprendeu, feroz
em seu charlatanismo, como corvos, grasnam em vão
contra a ave divina de Zeus.

Enquanto que, por sua vez, sob a pena de Píndaro (*Olímpicas*, II. 86-89) ⁶¹, lê-se que:

σοφὸς ὁ πολλὰ εἰδὼς φυᾶ·
μαθόντες δὲ λάβροι
παγγλωσσία κόρακες ὡς ἄκραντα γαρυέτων
Διὸς πρὸς ὄρνιχα θεῖον.

Sábio é o que conhece muitas coisas
graças à natureza;
os que conhecem, entretanto, por aprendizagem, tal como dois selvagens
corvos, grasnam em vão, com língua charlatã,
contra a ave divina de Zeus.

Ao que tudo indica, há uma espécie de jogo de provocações nessa imagem da dupla de corvos que é estabelecida por Píndaro. Jogo esse que parece ter servido para ressaltar algumas polaridades, envolvendo a poesia e a retórica, no sentido de qual seria

⁶⁰ Traduzido da tradução de F. Gascó e A. R. de Verger.

⁶¹ Traduzido da tradução de A. Ortega.

a [arte] “mais autêntica, ou genuína” estando, na outra ponta, “aquilo que é falso, ou o que é artificial”. Sobre isso, na perspectiva de Francisco Adrados (1997: 21) vislumbra-se essa ideia de que os “dois grandes rivais” com os quais a filosofia socrático-platônica viria a lutar eram a poesia e a retórica, duas artes de linguagem – fundamentais e indissociáveis – da antiga cultura grega. Artes essas que Platão incessantemente questionava, em face de sua filosofia pretensamente voltada para o verdadeiro, o justo, o belo, e orientada por um modelo ideal de saber.

Seguindo ainda por essa via, vale lembrar que a dubiedade da figura do corvo (*córax*) também foi explorada com humor por Luciano de Samósata, como foi o caso de um símile que pode ser perfeitamente comparado com o chiste de Sexto Empírico, sobre Córax, tal como esse se encontra no livro *Contra os Retóricos*. Em seu *Pseudologista*, Samósata também joga com o sentido da palavra *córax*, seja por estar aludindo à malícia de certo “corvo”, seja por estar, de fato, apontando para o pouco conhecido rétor siciliano Córax, sempre em relação com o seu duplo, isto é, o seu suposto discípulo Tísias. O mote da sátira de Samósata gira em torno de um indivíduo que intenta passar por um rétor rebuscado, um *pseudologista* que lança mão de termos incomuns que eram usados entre os antigos oradores áticos⁶².

A passagem que se segue comporta um diálogo desse pretense rétor (o *pseudologista*) com o seu interlocutor, que nada mais é do que uma espécie de porta-voz de Luciano:

O que tu fazes impelido pela miséria, ó propícia Adrastéia (!), eu não o censuraria a ninguém, pois, tais atos são desculpáveis, [por exemplo,] se alguém, pressionado pela fome, recebeu de um seu concidadão dinheiro a guardar, e depois jura que não o recebeu, ou se descaradamente reclama, ou melhor, volta a reclamar [o que já recebeu], ou rouba roupa, ou se pratica a agiotagem. Não, não me refiro a esses casos. Realmente, não é de modo nenhum odioso que uma pessoa se defenda da miséria por todos os meios. O que já não se admite é que tu, pobre como és, gastes somente em prazeres aquilo que te advém da tua impudência. Permitir-me-ás, no entanto, que te elogie num caso, que foi muito manhosamente executado por ti, quando tu falsificaste conscientemente, qual obra de um outro Córax [τὸ δυσκόρακος], a *Arte [Retórica]* de Tísias, com a qual sacaste trinta estateres de ouro àquele velho estúpido, que, iludido pela menção de Tísias, te pagou pelo livro setecentas e cinquenta dracmas. (*O Pseudologista*. 30)⁶³

⁶² O contexto da narrativa de Luciano é uma ironia com esse indivíduo, um pretense “*aticista*” que lança mão de palavras raras para tentar mostrar uma erudição e uma cultura que estão para além de sua realidade.

⁶³ Sobre os possíveis sentidos de *δυσκόρακος*, cf. a nota n.º 384 dessa tradução de Custódio Maguejo.

Nessa narrativa, interessa observar que *dyskórakos* pode tanto estar significando "outro Córax", como é o caso na tradução de Maguejo, como pode ter o sentido de "corvo de mau agouro", tal como sugerido numa tradução de Botella. Além disso, chama a atenção, nessa passagem, a possibilidade de Samósata estar ironizando o fato de não se ter nenhum registro escrito preservado, de forma direta, sobre as técnicas de linguagem do rétor Córax, sendo somente por intermédio da escrita de Tísias, e, posteriormente, da de Górgias, que se viria a conhecer a *Arte de Córax*, para usar aqui uma expressão consagrada por Aristóteles (*Retórica*. 1402 a 18). E, essa arte desenvolvida em solo siciliano em uma época de conturbada transição de regimes políticos, onde à tirania sucedeu uma democracia, viria a influenciar fortemente os procedimentos orais e escritos usados em antigos tribunais de justiça gregos. Desse modo, não se sabe ao certo se Córax seria uma alcunha de Tísias, ou, pelo contrário, se teria sido Córax um antigo mestre em eloquência – e mentor de Tísias –, tendo Córax, nesse caso, privilegiado a transmissão oral de sua técnica, cabendo a Tísias a disseminação por escrito dessa arte⁶⁴.

Quando López Eire sugere (*idem*) que Córax primeiramente teria sido um político de confiança dos tiranos Gélon e Hiéron, e, que, após a queda dessa dinastia tirânica, Córax teria se bandeado para o lado do povo atuando decisivamente nos democráticos processos de restituição de terras anteriormente expropriadas pelos tiranos, Eire parece estar abrindo espaço para que a própria *persona* de Córax possa ser pensada no contexto de uma ambivalência. Córax teria sido tanto uma pessoa de confiança dos tiranos, como, também, contraditoriamente, um defensor dos interesses fundamentais do povo. Nesse caso, seguindo essa leitura, o que haveria de mais essencial na “Arte do Corvo” seria o fato de que ela poderia ser manejada para qualquer finalidade, isto é, tanto para um lado como para outro, sem uma ética pré-estabelecida, podendo a palavra ser usada como instrumento de dominação e de libertação, algo que, sob a pena de Górgias, aparecerá na definição clássica de que o *lógos*, palavra, linguagem ou discurso, é um grande soberano entre os humanos, um *phármakon* para a psiquê (*Elogio de Helena*. §8-14).

Concluimos lembrando de que, bem antes da anedota de Sexto Empírico sobre a ambivalência dos argumentos Córax, Aristófanes apresentou ao público ateniense o

⁶⁴ Nesse sentido, dando crédito ao testemunho de Diógenes Laércio (VIII. 58) é provável que Górgias tenha sido uma espécie de pioneiro, em Atenas, da teorização da retórica enquanto arte, específica e política, da linguagem: “*que Empédocles foi ótimo médico e orador, e que Górgias Leontino homem excelente na retórica e autor de um manual, foi seu discípulo*”.

que pode ser pensado como uma versão mais antiga dessa imagem cômica que Sexto Empírico viria a registrar, sobre a ambivalência da linguagem.

Trata-se da peça *Nuvens*, tendo Sócrates como personagem e a arte de bem argumentar como um objeto de cobiça na sociedade ateniense da época. Nessa peça, Aristófanes lança mão da imagem de um cidadão ateniense que busca os supostos conhecimentos retóricos de Sócrates para que esse lhe ensine a usar com destreza tanto os argumentos "justos" como os "injustos" (95)⁶⁵. Na verdade, o que o caricato personagem de Aristófanes (Estrepsíades) deseja é que o também personagem Sócrates lhe ensine a sustentar causas contrárias, pois isso possibilitaria a que ele, Estrepsíades, viesse a conseguir se eximir de pagar as suas dívidas, pervertendo a justiça a seu favor (430-435).

Observemos uma passagem desta peça, que é quando Estrepsíades chega à escola de Sócrates, com uma proposta de aprendizado, e pede para que Sócrates desça das nuvens para lhe ensinar algo (*Nuvens*. 238-245)⁶⁶:

Sócrates: Vens para quê?

Estrepsíades: Eu quero aprender a falar. Por causa de juros e de credores intratáveis sou roubado e pilhado; meus bens estão penhorados.

Sócrates: E como te deixaste endividar sem o perceber?

Estrepsíades: Uma doença cavalgar voraz e terrível me aniquilou. Ensina-me, todavia, um de teus dois argumentos, aquele com o qual nada se paga. Juro pelos deuses que te pagarei o salário que exiges.

A proposta que Estrepsíades faz a Sócrates é a mesma que o anônimo discípulo de Córax faz a esse, quando diz, no *Contra os Retóricos* (97), de Sexto Empírico, que pagará os honorários que ele [Córax] fixar em razão do aprendizado retórico fornecido, o que significa dizer que, se tal como o anônimo da anedota de Sexto, Estrepsíades, de Aristófanes, viesse a aprender com o personagem Sócrates “o outro” argumento, com o qual “nada se paga”, então Sócrates certamente teria o mesmo fim do que Córax teve na anedota de Sexto Empírico: ele nada receberia por ter ensinado as minúcias da arte de falar bem, muito embora, na peça, seja exatamente o contrário o que ocorra, pois Estrepsíades é que é espoliado por Sócrates, ao longo do seu aprendizado.

Nesse sentido, o personagem Sócrates, de Aristófanes, não só evidencia a força de uma dimensão ambígua dos discursos, mostrando, com humor, uma fictícia situação

⁶⁵ Cf. o personagem Estrepsíades, de Aristófanes, referindo-se ao “*Pensatório das almas sábias*”, que é habitado por Sócrates e outros homens que: “*falando sobre o céu, nos convencem ser ele um forno colocado em volta de nós enquanto nós somos as suas brasas. Nesse local, se alguém lhes pagar, eles o ensinam a triunfar falando tanto coisas justas como injustas*”.

⁶⁶ Trad. de Junito de Souza Brandão.

em que a arte de falar é apresentada como mercadoria de alto valor, como também se mostra Sócrates um protótipo do “corvo”, tão ou mais astuto do que o personagem Córax, de Sexto Empírico.

Refletindo sobre o hápax *δυσκόρακος*, usado por Luciano de Samósata para ironizar uma duplicidade envolvendo o nome de Córax (Corvo), encerramos com a criação de um contraponto a uma ironia de Platão – que está presente no drama *Górgias* (463 c), quando ele chama a retórica de adulação (*κολᾶκεία*) – que é propoz aqui um neologismo para designar essa “arte do corvo”, que será uma *κορᾶκεία*, isto é: a arte do corvo (*κορᾶκεία*) como uma ação de atar com a linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRADOS, F. *La democracia ateniense y los géneros literários*. Madrid. Ed. Alianza, 1997.
- ARISTÓFANES. *As Nuvens*. Tradução de Junito de Souza Brandão. Rio de Janeiro: Ed. Grifo, 1976.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manoel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.
- COLE, T. *The Origins of Rhetoric in Ancient Greece*. London: Ed. The Johns Hopkins University Press, 1991 [1933].
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas y opiniones de los filósofos ilustres*. Tradução de Carlos Garcia Gual. Madrid: Alianza Editorial, 2013.
- EIRE, A LÓPEZ. *Retórica Clásica y teoria literária moderna*. Madrid: Ed. Arco Libros, 2002.
- ELIO ARISTIDES. *Discursos I*. Tradução de Fernando Gascó e Antonio Ramirez de Verger. Madrid: Ed. Gredos, 1987.
- GÓRGIAS. *Testemunhos e Fragmentos*. Tradução de Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Ed. Colibri, 1993.
- LUCIANO DE SAMÓSATA. *O Pseudologista*. Tradução de Custódio Maguejo. Coimbra. Imprensa Universidade de Coimbra, 2013.
- NIETZSCHE, F. *Escritos sobre retórica*. Edición e traducción Luis Enrique de Santiago Guervós. Madrid: Ed. Trotta, 2000.
- PÍNDARO. *Odas y Fragmentos*. Tradução de Alfonso Ortega. Madrid: Ed. Gredos. 1984.

PLATÃO. *Protágoras, Górgias, Fedão*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2002.

_____. *Fedro*. Tradução de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2009.

SEXTO EMPÍRICO. *Contra os Retóricos*. Tradução de Rafael Huguenin e Rodrigo Pinto de Brito. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.